

# cultural

Este caderno é parte integrante da Revista da APM – Coordenação: Guido Arturo Palomba – Agosto 2011 – Nº 227

## APAE — 50 anos

Nelson Guimarães Proença



Foto: Roberto Ortega. Disponível em: <<http://camillasartorato.wordpress.com/2007/06/26/portadores-de-sindrome-de-down-venchem-barreiras/>>.

Em abril deste ano de 2011, a Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais — APAE — de São Paulo completou 50 anos de existência. A data foi recordada com a realização de eventos específicos que, com justiça, ganharam destaque na mídia. Homenagem merecida.

Recordou-se muito do que se passou naquela distante década de 1970. Nem tudo, porém, foi lembrado com a

devida precisão. Acho interessante recordar, da maneira mais fidedigna possível, fatos ocorridos e que não foram ainda narrados. Farei isso agora, cuidando para que não acabem fazendo parte de um passado já esquecido.

Por uma circunstância especial, fui espectador privilegiado, tendo acompanhado e conhecido episódios que marcaram o nascimento da APAE. A razão: meu irmão Helio e minha

cunhada Iva foram seus protagonistas. Conto, então, alguns episódios iniciais como os tenho na memória.

A princípio, por que a data de 11 de abril? Porque foi nesse dia, no ano de 1961, que um pequeno grupo, formado por cinco casais, fez um comunicado à imprensa noticiando a criação da nova entidade associativa. Esses casais tinham um elo que os aproximava fortemente: filhos com “deficiência

mental”, como se dizia na época. Recordo dos nomes de três desses casais: Ruth e Gilberto da Silva Telles, Bella e Acácio Werneck e Iva e Helio Guimarães Proença.

Não havia liderança única, todos se igualavam na hierarquia. A iniciativa repercutiu favoravelmente perante o professor Enzo Azzi, Diretor da PUC, que cedeu uma sala para que reuniões pudessem ser realizadas. Ali foram feitos os primeiros encontros, os quais, depois, continuaram ocorrendo na Associação Comercial.

Os casais estavam motivados para a empreitada. Não aceitavam que seus filhos, excepcionais, fossem privados de ter uma vida normal. Na época, essas crianças eram até mesmo escondidas e, embora protegidas, não recebiam nenhuma atenção educacional, nenhum aprendizado. Eram crianças para quem a vida apenas passava. O grupo de casais entendia que era necessário dar a elas um apoio especial.

A comunicação à imprensa se fez por meio de uma nota informativa esclarecendo aquilo que se pretendia ao criar uma associação para dar um apoio diferenciado aos “excepcionais”. Criou-se, então, o maior equívoco, que particularmente ocorreu por parte do prestigioso jornal “O Estado de S. Paulo”. Ao mesmo tempo em que divulgou a nota informativa, o jornal publicou sua expressa discordância com a iniciativa. A confusão resultou do emprego, pela primeira vez entre nós, da palavra “excepcional” para designar a situação dos menos dotados. O jornal havia entendido que se tratavam de crianças superdotadas, que precisavam de estímulo para aproveitar seus dotes “excepcionais”, seus “superdotes”.



Recordo-me perfeitamente do enorme constrangimento causado pelo equívoco. Meu irmão Helio escreveu belíssimo texto, explicitando os fatos e o sentido em que estava sendo aplicada a palavra “excepcional”. Esclareceu que ela se aplica não só aos que estão acima da média mas também aos que estão abaixo. Nessa carta, foi pedido o apoio do jornal e da opinião pública. O que se seguiu foi um fato inusitado, talvez único na história do “Estadão”. Ao publicar o texto enviado por Helio, este

publicou também, com destaque editorial, a retificação de sua opinião anterior. Mais ainda: o jornal se pôs à disposição da APAE, tendo efetivamente se incorporado, desde essa época até hoje, na divulgação de suas atividades.

Os primeiros anos da APAE foram muito difíceis. Foi somente em 1968 que as dificuldades começaram a ser superadas, com a chegada à instituição do casal Jô e Antonio Clemente. Seu dinamismo mudou o curso dos acontecimentos. Mas essa já é uma outra história, que deixo para ser contada por outros, mais credenciados do que eu.

---

**Nelson Guimarães Proença**

*Membro da Academia de Medicina de São Paulo  
e Professor Emérito da Faculdade de  
Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo*

# O eterno rejeitado

Walter Pinheiro Nogueira

Muitos falam de Deus:  
Leigos, pastores e padres,  
*Desapegados* de tudo e de todos,  
“Despertos” e “conscientes” da Luz,  
Na identificação do Eu espiritual,  
Quando a palavra deixa de ser expressiva,  
E na ausência do ruído, no vazio e no nada,  
A verdadeira vida, no milagre da oração,  
Ganha alma na linguagem do êxtase esquecida.

Mas tudo pedem a Deus:  
Saúde, longevidade,  
Dinheiro, felicidade,  
Amor e paz:  
Em um todo, matéria e espírito,  
Não se esquecem de nada.

Deus — o Pai,  
Deus — a perfeição,  
Deus — a opulência,  
Deus — a misericórdia,  
Deus — a sabedoria,  
Deus — a caridade,  
Deus — a existência,  
Deus — a liberdade,  
Deus — a plenitude,  
Deus — a vida eterna...

Nada melhor do que Deus,  
Nada melhor do que a Casa do Pai,  
Mas na hora do “adeus *final*”,  
Ninguém quer dar o “*final* adeus”,  
Ninguém quer ir tão cedo para os braços do Pai!

Por que é Deus o eterno rejeitado?...



# Um médico de família e o enigma do “Pai Nosso”

Arary da Cruz Tiriba

O aluno ouviu o Mestre com atenção. Passava-lhe a impressão de que, pela longa experiência clínica, o velho educador tinha resposta para tudo. Ainda assim, o discípulo quis testá-lo. E ousou desafiar o Professor:

— Você chega ao diagnóstico pela análise da queixa, dos sintomas e dos sinais. Tudo parece simples! Será sempre assim, para nós, quando chegarmos a bacharéis? Ou existem situações, Mestre, de sinais e sintomas aparentes, contudo, indecifráveis?

O Mestre sorriu:

— Mistérios! Se existem entre o céu e a terra, certamente você os defrontará à beira do leito.

E prosseguiu:

— O médico de família adquire conhecimento, necessariamente, das peculiaridades pessoais de cada membro da unidade doméstica e, por dever de ofício, testemunha episódios surpreendentes, inesquecíveis, por vezes inexplicáveis! Eu era moço, como você, quando assistia uma família paulistana de quatro membros: pai, brasileiro, de origem centro-europeia, artífice de joalheria; mãe, dona de casa, potiguar, há anos radicada na pauliceia. Casal de filhos: a jovem, 17 anos; o caçula, 12 anos.

Bom observador, o Mestre passou a descrever perfis, de uns e outros.

— O genitor, sonâmbulo a episódios alternados — de hilariantes a altamente perigosos! Por exemplo, arrancar sua mulher da cama, segurá-la pelos cabelos, rodopiá-la, rodopiá-la, até recolocá-la no leito... ou caminhar, à noite, na sacada sem parapeito da hospedaria, sob risco de despencar das alturas. Era possuidor de alguns conhecimentos esotéricos, “por ouvir falar”, transmitidos da parentela. A mãe, dedicada ao lar, personalidade inflexível, agnóstica! A moça, voluntariosa. Notória incompatibilidade entre mãe e filha.

Pausou para, então, passar à descrição do caso clínico:

— Fiel da casa, o menino! Caráter meigo, afável, cativante. Antes dos dez de idade, fizera a primeira comunhão. Despertou a atenção pela palidez, inapetência e febre. Esclarecimento, agravamento e evolução — que levaram apenas uns 30 dias — foram rápidos. Diagnóstico: leucemia! À madrugada, entrou em coma profundo! Na expectativa do final, silêncio sepulcral! À roda, quatro pessoas: os pais, uma tia, o professor que lhe faz a narrativa. Respiração se enfraquecendo a intervalos mais e mais dilatados. Do pequeno moribundo, inconsciente, começou a récita... “*Pai nosso... que estais no céu... santificado seja... o vosso nome... venha a nós...*” Audível, palavra por palavra, profundo, pausado, solene, meditado... inteira serenidade! Ao “*Amém*”, prece concluída...

— Morreu o garoto!...

— Sim, a passagem da vida. Do presente para o pretérito. Mas perdurou para sempre aquele “Pai Nosso”! Marcante, indelével! Discurso do menino em coma?! Impossível. Durante a doença, nenhuma assistência espiritual. No seu entorno, apenas este seu Mestre... Em meu passado, estive voltado à fé católica, contudo religiosidade já não exercitada, substituída que fora pelo exercício pleno da clínica. Da clínica, como sacerdócio... Mas surpreendente, insisto, a oração proferida pela criança em estado de coma fora impecável!

— Se você ficou tão impressionado, Mestre, sua interpretação foi a de um fenômeno?

— De certa forma, sim, se é para se satisfazer o inexplicável, porque, ao que assisti, o que ouvi, não sucede com habitualidade. Acrescento que, em volta do leito, estávamos profundamente concentrados no episódio dramático. Formávamos a corrente. De energia? Que acha? Dos presentes, à exceção do pequeno paciente, o único que, em algum momento, exercera religiosidade fora eu, repito, mas estou convencido de que não mentalizei a oração do menor.

— Mestre, você tinha o diagnóstico, leucemia, mas percebo que este não ficou completo. Acho que sou capaz de adivinhar. Posso arriscar? Você teria testemunhado a *transfiguração*, sim, a oralidade da alma... Ou a do menino, ou a do ser espiritual que se dispunha a despojá-lo da estrutura somática... para direcioná-lo a outro caminho? O da paz do Senhor?

— É possível que esteja certo, meu caro. O “Pai Nosso” é a manifestação da fé. Sua reza pode ser — sem depreciação

— automática, trivial, porém, no caso, reafirmo, jamais voltarei a ouvir aquele “Pai Nosso” grandioso e virtuoso! Pleno de sentimento! Perfeito! Como proposto pelo seu autor.

*Nota do autor:* quando a narração foi repetida a uma mulher simples, de escolaridade mínima, sua interpretação veio curta e pronta: “Ora, o Anjo da Guarda do menino!”.



Disponível em: <<http://semeadorirresponsavel.blogspot.com/2011/07/sobre-o-rezar-o-pai-nosso.html>>.

---

**Arary da Cruz Tiriba**

*Médico, Professor Titular da UNIFESP/EPM  
e membro da Diretoria da Academia  
de Medicina de São Paulo*

# A decadência da psiquiatria II

Guido Arturo Palomba

“Não tem erro — comentou o psiquiatra instrutor — qualquer residente de primeiro ano de psiquiatria, ouvindo você, vai falar assim: ‘essa menina é bipolar.’” As lições foram dadas à promotora de Justiça, aquela envolvida no esquema de corrupção do Distrito Federal (publicadas no *Estado de S. Paulo*, 13/4/2011) e certamente seriam eficientes para lograr êxito, considerando o baixo nível em que se encontra a psiquiatria contemporânea, carente, por completo, de psicopatologia, que admite, praticamente, apenas três diagnósticos. Se for idoso com falhas de memória, é doença

de Alzheimer; se não for idoso, mas um pouco triste ou um pouco alegre demais, é bipolar; se não for nem Alzheimer nem bipolar, então aplicam-lhe o termo “esquizofrenia”, seja psicose epiléptica, psicose esquizoafetiva, paranoia, bufê delirante, seja o que for.

Essa simplificação ordinária não nasceu por acaso, uma vez que tem, no fundo, a finalidade de vender remédios.

A psiquiatria está imersa em uma aura negativa de ignorância de psicopatologia, iniciada no princípio da década de 1990, com a implantação da última Classificação Interna-



cional de Doenças (CID), que acabou com os livros-textos, fundamentais para a compreensão do psiquismo humano. O psiquiatra, hoje, está engessado na numeralha dos códigos que representam as doenças mentais, cuja utilidade restringe-se a preenchimento de guias de internação hospitalar, troca de informação entre químicos, reembolso de seguro-saúde, indenizações, enfim, códigos que alimentam as memórias dos computadores e podem ser evocados de maneira uniforme, facilitando a burocracia de massa. É a psiquiatria administrativa, sem psicopatologia, uma verdadeira regressão à época pré-científica, em que se pensava que doença mental era possessão demoníaca. Hoje, é bipolar ou Alzheimer. (A propósito, Alois Alzheimer não se referiu ao idoso quando descreveu, em 1907, a doença que hoje leva o seu nome, mas aos pré-senis, os que estão entre 45 e 60 anos de idade.)

É preciso dizer, com veemência, que *doença bipolar não existe* nessa proporção absurda com que vem sendo propagada, tampouco a doença de Alzheimer, muito menos frequente do que dizem. Esqueceram-se da arteriosclerose cerebral, da demência de Parkinson, da parafrenia tardia, da mania involutiva, da presbiofrenia, de Pick e de Jakob Kreutzfeldt.

A generalização, como dito, interessa unicamente às indústrias farmacêuticas, para vender remédios. Cabe aos médicos resistirem ao assédio da propaganda farta, das benesses, dos brindezinhos e dos jantares à tripa forra que são oferecidos pelos fabricantes de remédios, sob color de cortesia sem compromisso.

A doença bipolar tornou-se símbolo da ignorância da psiquiatria e, o que mais é, funciona como termômetro para medir o grau de decadência em que se encontra essa área da Medicina. A bem ver, não há especialidade médica que não tenha sido vítima da maldição da bipolar e de seus “fármacos milagrosos”. Pediatras, ginecologistas, endocrinologistas, generalistas receitam, sim, antidepressivos, se o paciente queixar-se de tristeza prolongada, mesmo que seja uma simples reação, absolutamente normal a qualquer ser humano, decorrente da morte do cachorro de estimação. Se faz regime para engordar ou emagrecer, na fórmula magistral está ali prescrito antidepressivo; se faltar dinheiro para fechar as contas do mês e isso o deprimiu, tome antidepressivo; se brigou com a cara-metade e está triste: antidepressivo.

Agora, permitam-nos a brincadeira e desculpem-nos pela penúria, se o ilustre leitor achar deprimente essa epidemia de diagnóstico de doença bipolar e de uso de antidepressivos, não conte ao seu médico, principalmente se ele for psiquiatra, pois, vendo-o aborrecido com essa praga símbolo da decadência da psiquiatria, poderá lhe oferecer uma caixinha de amostra grátis, do “último e mais eficaz modulador do humor”, que o propagandista acabou de deixar em seu consultório. E muito cuidado antes de começar a tomá-lo, pois, das contraindicações escritas na bula, não consta a advertência mais importante de todas: “Se o usuário ficar deprimido com o alto preço deste remédio, não interrompa o uso, pois, neste caso, quem ficará deprimido será o fabricante”.

# O ditador

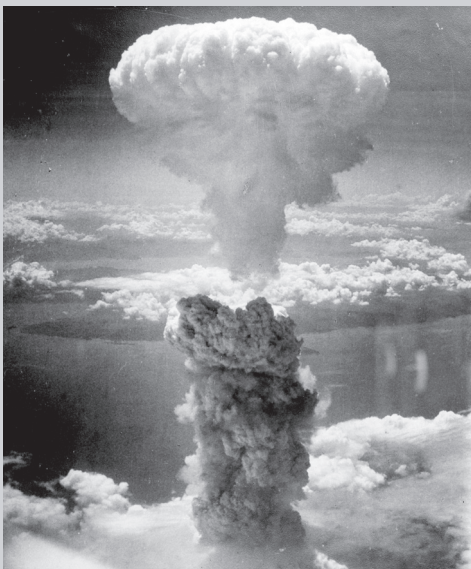
Walter Argento

Cobiça, audácia e desumana afronta  
Que o gesto insano do vilão encerra...  
Destrói a paz, que nunca mais se encontra,  
Enquanto alude mil razões de guerra...

Embora flua a trama do vergalho,  
E enquanto sofre o peso da opressão,  
O povo parte em busca d'um atalho,  
Na força arguta e livre da nação.

Ao longo do processo, o jugo e a morte:  
A todos abandona à própria sorte,  
E a crença nos valores se mantém.

Enquanto a ditadura tolhe os gritos,  
Rejeita brados e instâncias dos aflitos,  
O surto libertário logo vem!



# Mundo

Hudson Hubner França

O mundo  
é mais largo e profundo  
do que parece.

O poeta  
é aquele  
capaz de transver o aparente  
e sentir  
além do evidente.

O mundo  
é vário e uno.  
Há pedaços de cromossoma  
comuns  
em nós  
e em todos os seres que habitam o planeta.

O mundo  
tem alma única,  
em comunicação constante,  
inconsciente,  
com tudo que existe.  
Por isso é que percebemos coisas  
que escapam aos sentidos e à razão  
e só a alma sente.

Coisas assim,  
como a empatia,  
o sonho,  
a emoção diante do belo,  
o afeto,  
o sentimento de Deus  
e o amor.

## DEPARTAMENTO CULTURAL

**Diretor:** Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

**Conselho Cultural:** Duílio Crispim Farina (*in memoriam*), Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Rui Telles Pereira, Arary da Cruz Tiriba, Rubens Sergio Góes e Luiz Fernando Pinheiro Franco

**Cinemateca:** Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

**Museu de História da Medicina:** Jorge Michalany

*O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.*